
Pomo Phobia: de Insights Pós – Modernos, Trabalhadores na Educação e Ensino da Geografia

Maria Lúcia de Amorim Soares*

Ao escrevermos, como evitar que escrevamos sobre aquilo que não sabemos ou que sabemos mal? É necessariamente neste ponto que imaginamos ter algo a dizer. Só escrevemos na extremidade de nosso próprio saber, nesta ponta extrema que separa a nossa ignorância e que transforma um no outro. (DELEUZE)

Resumo

Um grande número de artigos, livros e textos abordam aspectos variados em diversos campos do saber e da cultura sobre a pós-modernidade. Esse fato torna difícil encontrar um caminho que possa ajudar, sem restringir, o campo no qual a pós-modernidade vem sendo debatida, numa tentativa de aproximação temática com a prática educativa. Assim, apanhando alguns pensadores da atualidade – Lyotard, Baudrillard, Jameson e Harvey, a preocupação central deste texto é revelar insights pós-modernos altamente esclarecedores das condições históricas em que vivemos, na esperança de serem levados em conta pelos que se dispõem a refletir sobre nosso tempo enquanto trabalhadores na educação.

PALAVRAS-CHAVE: Pós-modernidade; Metanarrativas; Simulacro; Acumulação Flexível; Ensino da Geografia.

POMO PHOBIA: FROM POST-MODERN INSIGHTS, EDUCATIONAL PROFESSIONS AND GEOGRAPHY TEACHING

Abstract

A large number of articles, books and texts address varied aspects in diverse fields of knowledge and culture about the post-modern time. This makes it difficult to find a way to help, with no limitations, the field in which post-modern has been discussed, in an attempt to approach the theme to the educational practice. Thus, based on some of today's philosophers – Lyotard, Baudrillard, Jameson and Harvey, the main concern of this text is to reveal post-modern insights which are highly clarifying of the historical conditions under which we live, hoping to have them taken into consideration by those who are willing to reflect upon our time as educational professions.

Key Words: Post-modern Time; Metanarrative; Simulacrum; Flexive Accumulation – Geography Teaching.

INTRODUÇÃO

Um grande número de artigos, livros e textos abordam aspectos variados em diversos campos do

saber e da cultura sobre a pós-modernidade. Revelar alguns insights pós-modernos esclarecedores das condições históricas em que vivemos, na esperança de serem levados em conta pelos que se dispõem

* Coordenadora do Curso de Geografia, Professora de Geografia Regional e Professora do Programa de Mestrado da Universidade de Sorocaba (UNISO). Doutora em Ciências: Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Av. Dr. Eugênio Salerno, 140 – Campus Seminário – Santa Terezinha – 18.035-430 – Sorocaba – SP. E-mail: maria.soares@uniso.br.

a refletir sobre nosso tempo – com especificidade enquanto trabalhadores na educação – é a preocupação central deste texto. Nesse caminho, o objetivo é apresentar, de maneira didática, as ideologizações produzidas pela intelectualidade orgânica a respeito da sociedade atual e da sua dinâmica, carregada de oscilações e vertigens que afetam a intimidade dos homens e mulheres contemporâneos em virtude da velocidade das mudanças ocorridas nas últimas décadas.

O alcance das mudanças em curso faz surgir os diagnósticos da fragmentação da subjetividade contemporânea; da vida errática pela multiplicidade e fluidez; do eu despedaçado nas redes de comunicação; da plasticidade e do pastiche incorporados às maneiras do viver; dos estilos confundidos com as ofertas mais recentes do universo das mercadorias; da interioridade partida em vivências desagregadas; da insegurança e da angústia para aqueles, como os trabalhadores na educação, que não estão conseguindo conviver com os atordoamentos contemporâneos.

Fridman explica que:

Se a modernidade trouxe para cada pessoa a tarefa intransferível de autoconstituição – em contraste com as sociedades tradicionais em que as identidades eram atribuídas -, a pós-modernidade tornou essa empreitada asoberbada pois, como percebe Richard Sennet, as instituições vivem se desfazendo e sendo continuamente reprojeta-das[...] O determinismo tecnológico – que estipula o novo estágio da vida social pelos avanços de seres humanos associados a cabos, bases e ligas de metal que recebem e transmitem sinais – não é suficiente para esclarecer a distribuição dos afetos, os valores, os projetos, os desejos, as volúpias e as renúncias dos indivíduos contemporâneos. Há incompletude, precariedade e terror em tanta mudança auspiciosa. (2000, p. 63-64)

As interpretações de todas as experiências pós-modernas partem da constatação da fragmentação, mas salientam mecanismos sociais diferenciados na busca de entendimento do presente e dos rumos da sociedade contemporânea. Nesse quadro, o ideário pós-moderno apresentado neste texto surge apontado por alguns indicadores via Lyotard, Jameson, Baudrillard e Harvey.

JEAN-FRANÇOIS LYOTARD E A FALÊNCIA DAS METANARRATIVAS

Da decepção com as conseqüências da razão, Lyotard construiu os argumentos de *A condição pós-moderna*, livro publicado na França em 1979, primeiro a tratar a pós-modernidade como uma mudança geral na condição humana. Seu enfoque incide sobre o caráter do conhecimento científico e sobre a maneira, considerada por ele ultrapassada, por meio da qual esse tipo de conhecimento reivindicou a sua legitimidade durante a modernidade.

A ciência, diz Lyotard, a partir do século XVIII, ao estabelecer as características que justificaram a sua especificidade como área do conhecimento, o fez combatendo todo tipo de legitimação feita por meio de narrativas – formas de legitimação usadas pelas diferentes culturas -, e que associou à ignorância, barbárie, preconceito, superstição e ideologia.

Lyotard buscou então demonstrar que essa ciência fez um “jogo de linguagem”, visto ocultar sua base em duas grandes narrativas: a primeira, a narrativa política, herdada da Revolução Francesa, ou seja, a narrativa da gradual emancipação da humanidade da escravidão e da opressão de classe por meio do avanço do conhecimento; e a segunda, a narrativa filosófica, que é aquela inaugurada com a filosofia de Hegel, na qual a ciência tem um papel, quando colocada à disposição de todos, de atingir a liberdade absoluta, o espírito sendo a progressiva revelação da verdade.

As duas narrativas para se tornarem eficazes acabaram por se constituírem em metanarrativas tendo a capacidade de arbitrar sobre, subordinar, organizar e explicar outras narrativas. Logo um paradoxo: um conhecimento que depende da supressão da narrativa, ao mesmo tempo em que acaba condenado à dependência da narrativa da sua legitimação.

Após o término da II Guerra Mundial a questão da legitimação do saber se colocou em outros termos: as grandes narrativas entram em declínio, uma vez que a ciência atrelou-se ao capital e ao Estado, sendo que a verdade ficou reduzida ao desempenho e à eficiência. Lyotard chamou essa questão de “performatividade”, explicitando o movimento no campo do conhecimento em

direção ao tipo de pesquisa que vai funcionar melhor, ou seja, que pesquisa levará a produzir mais pesquisas nas mesmas linhas e com isso aumentar o financiamento dessas pesquisas. A ciência dessa forma transformou –se, diz Lyotard, totalmente, em metanarrativa.

O traço definidor da condição pós-moderna seria, então, a perda da credibilidade das narrativas, momento de deslegitimação do saber, com crises da academia, que “[...] passa a mover-se pelo princípio de que tudo é conhecimento, onde conhecer é o que menos importa” (CONNOR, 1993, p. 37). Lyotard conclui que o mundo e o conhecimento são um conjunto de múltiplos “jogos de linguagem”, livres do princípio de autoridade antes estabelecido pela ciência e que buscar consenso entre esses jogos representa violar o que a pós-modernidade revela de melhor: a heterogeneidade. Afirma com essa postura que a sociedade pós-moderna é a sociedade do heterogêneo que deve conviver entre si, sociedade da pragmática das partículas onde nenhum conhecimento é mais performático que outros.

No livro *O pós-moderno explicado às crianças* (1993), Lyotard faz uma proposta para a mudança necessária ao pensamento político e educacional. No campo político, Lyotard diz que é preciso pensar a democracia de forma mais complexa, respeitando-se a emergência da heterogeneidade, desvincilhando-se dos princípios políticos da modernidade. No campo educacional aponta a necessidade do rompimento com uma educação para a cidadania, de uma educação emancipadora e igualitária como valor universalizante. A educação deve adaptar-se às exigências práticas no mundo pós-industrial, incorporar a heterogeneidade e ajudar as pessoas a se utilizarem os benefícios da tecnociência.

Em suma, a proposta de Lyotard declara a falência de uma lógica científica, a falência da legitimação do conhecimento científico e de qualquer idéia emancipatória produzida durante a modernidade, com o objetivo de apontar a possibilidade de resolução dos problemas sociais e políticos. O que causou a falência do discurso emancipatório não foi a ausência de progresso, mas o que ele ocasionou: guerras, o abismo entre países ricos e pobres, o desemprego e a desculturação geral proveniente da crise da escola. A saída encontra-se simplesmente no desenvolvimento de situação pós-moderna na qual todos estamos mergulhados.

JEAN BAUDRILLARD, A SOCIEDADE DE CONSUMO E O SIMULACRO

Baudrillard aponta a existência da condição pós-moderna como produto do desenvolvimento de um terceiro estágio do capitalismo, onde não é possível separar o domínio do econômico e do produtivo do domínio do ideológico e do cultural. As imagens, as representações e até os sentimentos transformam-se em elementos do mercado e o mundo passa a ser regido por uma formalização generalizada na qual os códigos não se referem mais a nenhuma realidade, mas se referem ao código mesmo. Diz o autor, no livro *A sociedade de consumo* (1995), que vivemos desta maneira ao abrigo dos signos e na recusa do real.

Desenvolvendo a idéia dos três estágios do capitalismo, Baudrillard avança na identificação de um quarto estágio, no qual o signo domina totalmente, sem qualquer relação com alguma realidade. Ai reside a falência da modernidade porque o político e o social se dissolvem e qualquer categoria aglutinadora de representação social perde o sentido.

O autor, ao desenvolver a idéia dos estágios do capitalismo articula algumas conclusões políticas: no primeiro estágio, o signo era a representação de uma realidade básica; no segundo estágio, o signo se mascara e perverte a realidade básica; no terceiro estágio, o signo mascara a ausência de uma realidade e no quarto estágio, aquele que vivemos hoje, o signo não tem qualquer relação com alguma realidade e até a política é dominada pela lógica do simulacro, momento em que o próprio poder político também se transforma em simulacro.

Baudrillard firma que os conceitos totalizantes elaborados pelas teorias sociais – classe, Estado, poder são simulacros. Restam as massas silenciosas cuja vingança é o silêncio, isto é, ninguém mais pode dizer que as representam. Nesse ambiente, os meios de comunicação – instituições dos signos – produzem uma comunicação com a massa silenciosa falando com seu público, mas nunca permitindo que ele responda. Aí está localizada a fabricação da “não comunicação”. Existem ao lado da não-comunicação, diz o autor, a liberdade de comunicação como as pichações e manifestações nas ruas – arena de luta e troca simbólica de negros, minorias étnicas, jovens, idosos, mulheres e

homossexuais, entre outros. No estágio simbólico tem-se a heterogeneidade de múltiplos sujeitos e a desarticulação com um único elemento aglutinador: o mercado.

A mídia, intelectual orgânico dos grupos, classes e centros de poder é produtora em si mesmo da perversidade, unindo o local e o regional ao global, todos sem possuir qualquer nacionalidade. E a “esquizofrenização cultural”, processo de invenção midiática do real. Aqui a democracia perde seu significado político e econômico.

Em suma, o dizer de Baudrillard trata de hiper-realidade, conceito radical segundo o qual o mundo está a tal ponto sob a influência de culturas mediadas que o sentido da realidade é intensificado num grau em que simulações da realidade (Disneylândia ou a televisão) são vivenciadas como mais reais do que as realidades que elas simulam. Quando vivemos numa cultura em que a cultura é mediada nosso senso de realidade é indireto, suscetível de intrusões e corrupções. Baudrillard diz mesmo que acreditamos na Disneylândia, mas ela não existe porque não têm baratas.

FREDERIC JAMESON, O ETERNO PRESENTE E A FRAGMENTAÇÃO DO EU

Jameson aponta que é no capitalismo tardio que o cultural passa a assumir um forte caráter político. Assinala que mudanças no desenvolvimento capitalista fazem emergir uma terceira etapa, ultrapassando as características do imperialismo clássico estudado por Lênin. É essa terceira etapa – uma nova lógica da produção cultural, uma nova condição sócio-econômica, política e cultural –, que o autor chama de pós-moderna. Para analisá-la usa a categoria teórica da totalidade, dizendo que o abandono da categoria “modo de produção” no entendimento do sistema capitalista tem como objetivo descontextualizar o nosso sentido de história.

Em Pós-modernismo - A lógica cultural do capitalismo tardio (1996), Jameson alerta para o fato de que:

[...] Pós-modernismo não é algo que se possa estabelecer de uma vez por todas e, então usá-lo com a consciência tranqüila. O conceito, se existe um, tem que ser no fim e não no começo de nossas

discussões do tema. Essas são as condições – as únicas, penso, que evitam os danos de uma classificação prematura – em que o termo pode continuar a ser usado de forma produtiva. (1966,p. 25)

Para o autor, mais do que fazer uma avaliação positiva ou negativa do momento, o que importa é participar do debate buscando apreender suas características, traduzidas numa colocação apenas: pós-modernismo e “capitalismo da mídia” são sinônimos. A transformação de objetos de todo tipo em mercadorias – sejam estrelas de cinema, automóveis, sentimentos ou experiência política – enseja vidas dedicadas ao consumo e desejos suscitados e inculcados pelos meios de comunicação de massa. A onipresença da mídia constitui o ambiente em que se processa a expansão do sistema e é a principal fonte de narração das fábulas que associam estilos de vida a brinquedos, seguros de saúde, computadores ou refrigerantes. É a “estetização da realidade”, momento em que a cultura está totalmente associada aos negócios – “economia culturalizada”, favorecendo uma “estrutura de sentimentos”, ou seja, emoções, práticas sociais e hábitos mentais que povoam a subjetividade contemporânea.

Essa ordem de fenômenos é decisiva, pois coloca a cultura, já definida como cultura pós-moderna, como fator primordial para a reprodução da economia. As mercadorias não falam apenas do trabalho enquanto equivalente universal de todas elas e do tempo de trabalho necessário para produzi-las: falam de sexo, corpos bonitos, sorrisos radiantes, ser charmoso, cativante, desembaraçado, ser star. O convite a contínuos prazeres concentrados na oferta permanente de novas mercadorias cria um “povo novo”, habilitado a funcionar no novo dinamismo do modo de produção; “povo novo” que vive em uma cultura do eterno presente e que substitui a experiência pelo espetáculo.

Jameson considera que o “eterno presente” favorece uma estrutura de sentimentos que aprofunda a alienação na fragmentação do sujeito. As narrativas da televisão e dos videocliques destacam-se na influência sobre a cognição e as formas de percepção em condições pós-modernas. Nelas, por rotação incessante dos elementos, tudo é desalojado no momento seguinte. Essa linguagem midiática composta de puros presentes assemelha-se à vi-

vência dos esquizofrênicos e faz surgir um novo tipo de ansiedade pautada pela autodestruição e pelas drogas.

Em suma, o que Jameson coloca é que a condição pós-moderna emerge das modificações infra e superestruturais do capitalismo tardio, não entendendo o termo tardio como algo que determine o fim ou o colapso do sistema, mas como algo que determina mudanças significativas econômicas, políticas, cotidianas e culturais. Para ele a cultura se tornou uma verdadeira segunda natureza, uma prodigiosa alegria, uma corrida às compras, um produto, uma mercadoria.

DAVID HARVEY E A ACUMULAÇÃO FLEXÍVEL

Harvey ultrapassa, como Jameson, as análises que colocam a pós-modernidade em dicotomia com a modernidade. Defendendo a tese de que o domínio do espaço é uma fonte fundamental do poder social e que o poder social se dá pelo controle do tempo e do controle do dinheiro, Harvey constata um elemento importante na caracterização da pós-modernidade: o triunfo da estética sobre a ética. Até as cenas de empobrecimento e da decadência social são destituídas de todo conteúdo transformando-se em elementos estéticos por meio do trabalho elaborado pelos produtores culturais.

No livro *Condição pós-moderna* (1994) Harvey apresenta o que ele chama de “base material da pós-modernidade” – o nascimento da “economia vodu” (nome dado por George Bush pai e John Anderson ao programa econômico de Ronald Reagan que, em 1980, buscou recuperar a economia americana com cortes de impostos) e a implantação da “política neoliberal”, denominada por ele de “economia de cassino”:

A emergência dessa economia de cassino com toda a sua especulação financeira e sua formação de capital fictício (boa parte sem o lastro de qualquer crescimento da produção real) proporcionou abundantes oportunidades de engrandecimento pessoal. (p.300)

O pós-modernismo surgiu em meio a este clima de economia vodu, de construção e exibição de imagens políticas e de uma nova formação de classe social[...] Uma retórica que justifica a falta

de moradias, o desemprego, o empobrecimento crescente, a perda de poder etc[...] também vai saudar com a mesma liberdade a passagem da ética para a estética como sistema de valores dominante.” (p. 301)

Harvey acentua elementos importantes na caracterização da condição pós-moderna ao apresentar de um lado a “modernidade fordista” e de outro a “pós-modernidade flexível”. Para ele, a modernidade fordista se vincula ao capital fixo na produção em massa, mercados estáveis, padronizados e homogêneos, uma configuração fixa de influência e poder político-econômico, uma autocracia e metateorias facilmente identificáveis em sólido alicerce na materialidade e na racionalidade técnico-científica, num projeto social e econômico de vir a ser.

Em comparação a caracterização da modernidade o autor apresenta o conteúdo da condição pós-moderna quanto a sua flexibilidade: ficção, fantasia, imaterialidade – particularmente do dinheiro -, capital fictício, imagens, efemeridade, acaso, compromisso com o ser e lugar, política carismática, oscilação entre centralização e descentralização, entre fixo e fluido, desejos e necessidades, redução nos tempos de giro do capital, uma aceleração da produção e na desqualificação e regularização do trabalho, como também uma aceleração na troca e consumo. Essa aceleração que envolve a produção, a troca e o consumo, cria um modo pós-moderno de pensar, sentir e agir:

A primeira consequência importante foi acentuar a volatilidade e efemeridade de modas, produtos, técnicas de produção, processos de trabalho, idéias e ideologias, valores e práticas estabelecidas. A sensação de que “tudo que é sólido desmancha no ar” raramente foi mais pervassiva (o que provavelmente explica o volume de textos sobre esse tema nos últimos anos). [...] No domínio da produção de mercadorias, o efeito primário foi a ênfase nos valores e virtudes da instantaneidade (alimentos e refeições instantâneas e rápidas e outras comodidades) e da descartabilidade (xícaras, pratos, talheres, embalagens, guardanapos, roupas, etc.). A dinâmica de uma sociedade “do descarte”, como apelidaram escritores como Alvin Toffler (1970), começou a ficar evidente durante os anos 60. Ela

significa mais do que jogar fora bens produzidos (criando um monumental problema sobre o que fazer com o lixo); significa também ser capaz de atirar fora valores, estilos de vida, relacionamentos estáveis, apego a coisas, edifícios, lugares, pessoas, modos adquiridos de agir e ser. (p.258)

Diante desse processo de acumulação flexível, Harvey afirma ainda que a velocidade com que a sociedade se transforma e a volatilidade e efemeridade que transmitem essa rápida transformação trazem mudanças nos valores e na psicologia humana, interferindo na consciência dos indivíduos porque exige que ocorra maior intensidade de manipulação do gosto e da opinião. A volatilidade transforma as imagens em mercadorias (base econômica), mas elas são apropriadas também para manutenção do poder, na competição entre as empresas, na confecção de hábitos e de símbolos de importância e na montagem de um padrão de imagem pessoal (poder político).

A condição pós-moderna não revela só modificações temporais, como também espaciais. Com a queda de barreiras espaciais, diz Harvey, ocorre uma universalização do capital via intensificação da exploração e do controle de diferentes espaços, numa gama de variedades geográficas e dentro das diferentes características que essas variedades geográficas possuem. As localidades são reconstituídas como elementos internos da própria lógica abrangente, imposta pela acumulação flexível já que as exigências são sempre “internacionais”, mas implementadas pelos governos locais que tudo fazem com o objetivo de participar da “nova ordem mundial”. Nesse caminho, o capitalismo cria sua própria geografia: ele cria de maneira intrinsecamente articulada, novas tecnologias, novos espaços e localizações, bem como novos processos de trabalho, trabalho que precisa ser barato e qualificado.

Em suma, Harvey analisa a pós-modernidade como manifestação cultural de um determinado estágio do desenvolvimento do capital. Diz que a condição pós-moderna não pode ser entendida a não ser como produto subjetivo das contradições objetivas que o capitalismo produz em seu desenvolvimento. Para ele não vivemos uma nova etapa do capitalismo, vivemos, sim, as aspirações do capital em seu estágio atual, através do qual a

ordem estabelecida produz a naturalização de sua arbitrariedade já que o capital é discriminatório, desmembrador, fragmentário e gerador de desigualdades cada vez mais profundas.

CONCLUSÃO

Como informado na introdução, este texto pretendeu revelar, didaticamente, alguns insights esclarecedores das condições sociais em que vivemos através das ideologizações produzidas por quatro intelectuais orgânicos – Lyotard, Baudrillard, Jameson e Harvey. Outros ficaram à margem, dada a limitação de um artigo.

Esse quadrilho foi selecionado porque Lyotard e Baudrillard pertencem à posição chamada de radical, aquela que considera a modernidade uma coisa do passado acreditando que a situação presente é hiper-real. Todos os conceitos, princípios, leis e teorias, assim como toda a formatação social, econômica, política e cultural da modernidade estão totalmente desgastados, dizem os autores, e uma nova conformação toma lugar. Já Jameson e Harvey, com nuances, ao diagnosticarem o desgaste da modernidade e o surgimento de uma condição pós-moderna, não o fazem concebendo essa nova condição como produto de uma ruptura absoluta com a modernidade: a pós-modernidade é entendida como produto do desenvolvimento do capitalismo que, no seu percurso, engendrou a modernidade, desgastou-a e no momento engendra uma condição pós-moderna.

A modernidade alterou a face do mundo com suas conquistas materiais, tecnológicas, científicas e culturais. Ninguém pode negar que algo de abrangência semelhante ocorreu nas últimas décadas, fazendo surgir novos estilos, costumes de vida e formas de organização social, trazendo como consequência o declínio da esfera pública e da política nos moldes consagrados; a crise ecológica; os tribalismos; a expansão dos fundamentalismos; as novas formas de identidade social; as consequências da informatização sobre a produção material e o cotidiano; a fragmentação do eu e a violência em todos os níveis de vida.

Na escola, esse conjunto de fenômenos provoca alterações de tal magnitude que solicitam considerações de teorias compatíveis com os transtornos didáticos-pedagógicos que no seu interior

ocorrem com intensidade nos dias de hoje. Nossa pretensão, então, com este texto, foi a de avançar no terreno das possibilidades de esclarecer os mecanismos existentes na sociedade contemporânea para situar os trabalhadores na educação – com especificidade aqueles que labutam com o ensino da Geografia, como domadores do capitalismo da compressão do tempo e do espaço. Só assim deixaremos de ser o “inválido crônico que acompanha a vida da janela de um hospital.”(BAUMAN, 1998, p. 194)

Em Tempo

Famigeradamente, engoli a explicação de PoMo Phobia incluída no título do texto. Mas, pós-modernamente, essa explicação poderia ser feita ou não dependendo do gosto do autor. Entretanto, para não deixar o leitor sem conforto, decidi fazê-la, copiando-a de Charles Lemert quando afirma que o pós-modernismo tem de fato o poder de deixar as pessoas loucas, perturbadas, podendo a palavra ser avaliada como insulto já que um dicionário de cultura moderna fornece uma definição irônica: “Pós – modernismo: um termo sem sentido. Use-o com frequência”. (2000, p.28)

Citando observações causais de um texto intitulado “Pós–Mortemismo Para o Pós–Modernismo” Lemert diz:

Uma hipótese pós–moderna sujeita a um teste pós–moderno é o equivalente acadêmico do encontro de Godzilla com Frankenstein. A terra treme, mas no final a fantasia se exaure e saímos do cinema para retomar nossa vida chata.

O frenesi é em verdade um fetiche que advém, como devem fazer todos os fetiches, do próprio desejo de morte a que se refere o autor em seu título. O medo é amplamente desproporcional à realidade dos efeitos do pós–modernismo, seja no âmbito de um campo como a sociologia (ao contrário dos departamentos ingleses, em que há mais motivos de alarme) ou no mundo em geral. Amplas desproporções entre sentimento e fato são sintomas do que Steven Seidman denominou ansiedade pós–moderna ou “PoMo Phobia”. De fato, *Godzilla versus Frankenstein*. (2000, p.28)

REFERÊNCIAS

- BAUDRILLARD, J. A sociedade de consumo. Lisboa: Edições 70, 1995.
- BAUMAN, Z. O mal estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- CONNOR, S. Cultura pós–moderna. Introdução às teorias do contemporâneo. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- FRIDMAN, L. C. Vertigens pós–modernas. Rio de Janeiro: Relume–Dumará, 2000.
- HARVEY, D. Condição pós–moderna. São Paulo: Loyola, 1994.
- JAMESON, F. Pós–Modernismo – A lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1996.
- LEMERT, C. Pós–Modernismo não é o que você pensa. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- LYOTARD, J.- F. Condição pós–moderna. Lisboa: Gradiva, 1989.
- _____. O pós–moderno explicado às crianças. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993.